

CRER PARA COMPREENDER

O templo do outro monte

Jerusalém, o Gerizim e a pergunta da samaritana a Jesus

D. G. DE SOUZA

HAC-S02-008



Capítulo I

Um poço ao pé do monte

Era por volta do meio-dia, a "hora sexta" do relógio antigo, quando um viajante judeu, cansado da caminhada, se sentou à beira de um poço na Samaria. Os seus companheiros tinham ido comprar comida numa aldeia próxima, chamada Sicar. Uma mulher da terra chegou com o seu cântaro, e ele lhe pediu de beber.[1]

Diz-lhe então a mulher, a samaritana: "Como é que tu, sendo judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?" Pois judeus não se dão com samaritanos.

JOÃO 4:9

Nos quatro Evangelhos, é a única vez que Jesus é chamado de "judeu", no singular. E quem o chama assim é uma samaritana. A frase dela nomeia duas distâncias de uma vez: ele é judeu, e ela é samaritana; ele é homem, e ela é mulher. Quando os discípulos voltaram, diz João, "admiravam-se de que falasse com uma mulher" (4:27).

O caminho pela Samaria

João diz que "era necessário" a Jesus passar pela Samaria (4:4). Havia uma razão prática. O historiador judeu Flávio Josefo, que viveu na mesma terra uma geração depois, escreve que para quem tinha pressa "era absolutamente

necessário" atravessar a Samaria, porque assim se ia da Galileia a Jerusalém em três dias.[2] Mas o caminho mais curto passava pelo território de um povo com quem os judeus não se davam, e o próprio Josefo conta que era costume dos galileus atravessá-lo para ir às festas de Jerusalém, e que nem sempre a passagem era pacífica.

Um poço com história

O lugar não era qualquer lugar. João lembra que o poço ficava "perto do terreno que Jacó deu a José, seu filho" (4:5). O Gênesis conta que Jacó comprou um campo diante da cidade de Siquém, e que, ao morrer, deu a José "um quinhão a mais que a teus irmãos"; em hebraico, a palavra "quinhão" é *shekhem*, o mesmo som de Siquém. Ali foram enterrados os ossos de José.[3] A mulher sabe disso, e diz a Jesus: "És tu maior que o nosso pai Jacó, que nos deu o poço?" (4:12). Para ela, os samaritanos são filhos de Jacó.



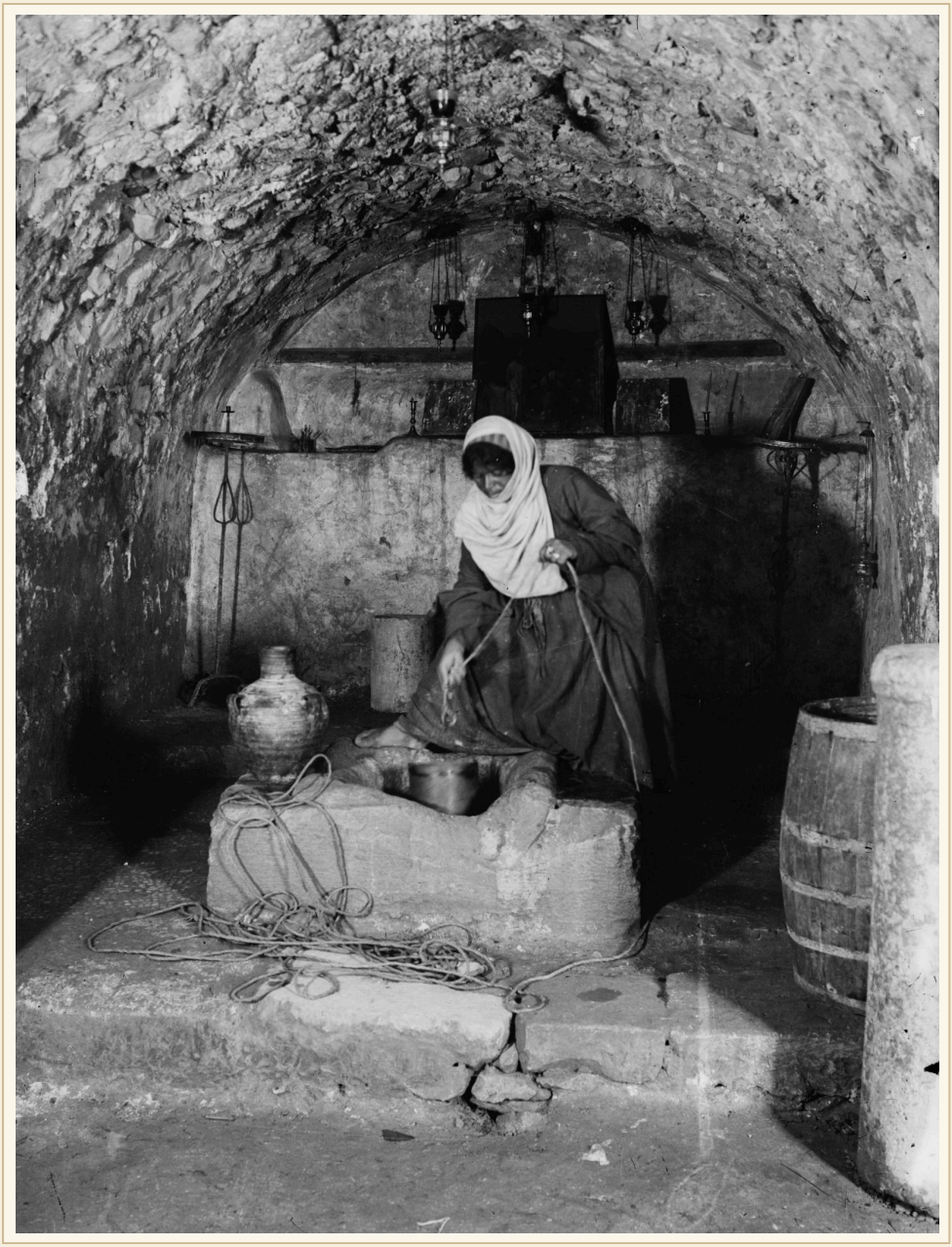
Jesus e a samaritana no poço, na gravura de Gustave Doré para a Bíblia de 1866.

Gustave Doré, gravura da Bíblia de Tours, 1866, na edição de Varsóvia de 1874, Biblioteca Nacional da Polônia (domínio público)



Um poço, uma fonte

João chama o lugar de pēgē, "fonte" (4:6), e de phrear, "poço, cisterna" (4:11): "o poço é fundo". O poço não aparece no Antigo Testamento. Desde o século IV, os peregrinos cristãos o visitam; hoje ele fica no bairro de Balata, em Nablus, dentro de um mosteiro greco-ortodoxo, na cripta de uma igreja dedicada a santa Fótina, o nome que a tradição ortodoxa deu à samaritana.



A cripta do poço de Jacó, perto de Nablus, por volta de 1900, numa foto da American Colony de Jerusalém (Coleção Matson).

American Colony / Coleção Matson, c. 1900, Library of Congress (domínio público)

A pergunta

Depois de Jesus lhe dizer coisas da sua vida que um estranho não poderia saber, a mulher muda de assunto, ou parece mudar.

João 4:19-20

Κύριε, θεωρῶ ὅτι προφήτης εἶ σύ. οἱ πατέρες ἡμῶν ἐν τῷ ὄρει τούτῳ προσεκύνησαν· καὶ ὑμεῖς λέγετε ὅτι ἐν Ἰεροσολύμοις ἐστὶν ὁ τόπος ὅπου προσκυνεῖν δεῖ.

"Senhor, vejo que tu és profeta. Os nossos pais adoraram neste monte; e vós dizeis que em Jerusalém está o lugar onde é preciso adorar."

"Neste monte." Do poço, ela podia apontar. Acima deles se erguia o monte Gerizim, e no alto dele, onde os pais dela tinham adorado, havia ruínas. Mais de um século antes, um sumo sacerdote judeu de Jerusalém tinha tomado aquele monte, e o templo que os samaritanos tinham no topo deixou de existir. A pergunta dela não era uma curiosidade de escola. Era uma ferida.



O monte Gerizim visto do poço de Jacó, numa foto da Coleção Matson (primeira metade do século XX). "Neste monte."

Coleção Matson, entre 1898 e 1946, Library of Congress (domínio público)

---

1. João 4:5-8. Os textos do Novo Testamento deste fascículo são traduções do autor, a partir do grego do SBL Greek New Testament. A identificação de Sicar é discutida: a maioria a liga à aldeia de Askar, a cerca de um quilômetro do poço; Jerônimo achava que "Sicar" era erro de cópia por "Siquém" (*Carta* 108.13).
2. Josefo, *Vida* 269; *Antiguidades judaicas* 20.118. Josefo usa o mesmo verbo de João 4:4, *edei*, "era necessário". Os textos de Josefo foram conferidos no grego da edição de B. Niese.
3. Gênesis 33:19; 48:22; Josué 24:32.



Capítulo II

O templo no alto do Gerizim

Quem conta como o templo do Gerizim acabou é o mesmo Josefo, um sacerdote de Jerusalém que escreveu as *Antiguidades judaicas* em Roma, por volta do ano 93. Ele não era neutro: chama os samaritanos de "cuteus", um apelido que os tratava como estrangeiros, e diz que eles eram "apóstatas da nação judaica".[1] Mas é ele quem guardou o fato.

Depois da morte do rei selêucida Antíoco VII, o sumo sacerdote João Hircano, neto do Macabeu Matatias e senhor da Judeia independente, saiu em campanha pelas cidades vizinhas.

Josefo, *Antiguidades judaicas* 13.255-256

αἱρεῖ Σίκιμά τε πρὸς τούτοις καὶ Γαριζεὶν τό τε Κουθαίων γένος, ὃ περιοικεῖ τὸν εἰκασθέντα τῷ ἐν Ἱεροσολύμοις ἱερῷ ναόν [...] συνέβη δὲ τὸν ναὸν τοῦτον ἔρημον γενέσθαι μετὰ ἔτη διακόσια

"[Hircano] toma, além delas, Siquém e o Garizim e a raça dos cuteus, que mora ao redor do santuário feito à imagem do templo de Jerusalém [...]. E aconteceu que este santuário ficou deserto depois de duzentos anos."

O texto é seco. Josefo não descreve incêndio nem demolição: diz que Hircano "tomou" o monte e que o santuário "ficou deserto". O monte continuou santo para os samaritanos: ao contar um fato do tempo de Pôncio Pilatos, Josefo mesmo o chama "o mais santo dos montes" para eles.[2] O que caiu foi o templo, e a cidade que havia ao redor dele no topo. Na *Guerra judaica*, Josefo escreve o

nome do monte numa palavra só, *Argarizein*, de *Har Gerizim*, exatamente como os próprios samaritanos o escreviam.



O cume do Gerizim por volta de 1900 (Coleção Matson). A legenda antiga dizia "ruínas do Templo", mas o que se vê é sobretudo a fortaleza bizantina e a igreja que o imperador Zenão

ergueu ali no século V; o recinto samaritano que Hircano destruiu fica no mesmo cume e só foi escavado a partir de 1983.

American Colony / Coleção Matson, c. 1900, Library of Congress (domínio público)

Quando aconteceu

Pela ordem do relato de Josefo, a tomada do Gerizim vem logo depois da morte de Antíoco VII, em 129 a.C., e por isso muitos livros dão a data de 128. Mas a arqueologia contou outra história. O arqueólogo israelense Yitzhak Magen escavou o topo do Gerizim a partir de 1983, por mais de vinte anos, e encontrou o recinto sagrado e a cidade que o cercava. Pelas moedas achadas no sítio, ele concluiu que o templo e a cidade foram destruídos por volta de 110 a.C., "e não em 128 a.C., como conta Josefo".[3]

Em números

c. 110 a.C. *a data da destruição do templo do Gerizim pelas moedas do sítio, uns dezoito anos depois da data que a ordem de Josefo sugere, e uns 140 anos antes da conversa de Jesus com a samaritana*



Samaria · fim do século II a.C.

O próprio Josefo deixa a pista. Algumas páginas adiante, ele diz que os negócios de Hircano chegaram "ao auge" no tempo de dois irmãos selêucidas que guerreavam entre si, Antíoco VIII e Antíoco IX, isto é, na década de 110.[4] Josefo junta as conquistas de Hircano por assunto, e não pela ordem exata. Hoje quase toda a bibliografia diz "111/110" ou "por volta de 110"; o ano exato e o motivo de Hircano continuam em discussão.



Prutá de bronze atribuída a João Hircano I, com inscrição em letras hebraicas antigas e, no verso, duas cornucópias com uma romã (American Numismatic Society). A atribuição a Hircano I é a mais comum, mas discutida.

Prutá de João Hircano I (135–104 a.C.), American Numismatic Society, Nova York, n.º 2013.63.15 (domínio público)

Duas Samarias

Uns anos depois, por volta de 108 ou 107 a.C., os filhos de Hircano cercaram a cidade de Samaria durante um ano. Quando a tomou, conta Josefo, Hircano "a fez desaparecer inteira, tornando-a inundável pelas torrentes", e tirou-lhe "os sinais de que um dia houvera ali uma cidade".[5] É preciso não confundir as coisas. A cidade de Samaria, que Herodes reconstruiria como Sebaste, era uma cidade grega desde Alexandre, e não o centro dos samaritanos. O centro deles era Siquém, ao pé do Gerizim. Hircano destruiu duas coisas diferentes: o santuário samaritano no monte e a cidade grega de Samaria.

Um dia de festa

Há uma lista judaica antiga, em aramaico, de dias em que era proibido jejuar ou fazer luto, porque neles Deus tinha dado vitórias a Israel: a *Megillat Ta'anit*, a

"Lista dos jejuns", que muitos datam do século I d.C. No mês de Kislev, ela registra: "No dia vinte e um dele, o dia do monte Garizim, em que não se faz luto". Muitos estudiosos leem nessa linha a memória da vitória de Hircano; o comentário hebraico da lista, bem posterior, conta outra lenda.[6] Se a leitura estiver certa, o fim do templo do outro monte virou, em Jerusalém, um dia de festa.

Os idumeus e a casa de Herodes

Na mesma campanha, Josefo conta que Hircano tomou as cidades da Idumeia, ao sul, e "permitiu-lhes ficar na terra, se circuncidassem as partes e quisessem viver segundo as leis dos judeus". Um historiador grego chamado Ptolomeu fala em circuncisão "forçada"; o geógrafo Estrabão, em adesão. Os historiadores ainda discutem quanto houve de força. Dessa Idumeia judaizada vinha a família de Herodes. E Josefo registra um detalhe curioso: Herodes Antipas, o tetrarca da Galileia no tempo de Jesus, era filho de Maltace, "a samaritana". O governante da terra de Jesus descendia dos dois povos que Hircano tinha atingido.[7]

1. Josefo, *Antiguidades judaicas* 9.288-291 e 11.340. "Cuteus" vem de Cuta, uma das cidades de onde a Assíria trouxe colonos para a Samaria (2 Reis 17:24).
2. *Antiguidades* 18.85; *Guerra judaica* 3.307 ("que para eles é santo"). O texto de 13.255-256 e o de *Guerra* 1.62-63 foram conferidos no grego.
3. Y. Magen, verbete "Gerizim, Mount", em *The New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land*, vol. 5 (Jerusalém, 2008). A mesma data (111/110) em G. N. Knoppers, *Jews and Samaritans* (Oxford University Press, 2013), e em R. Pummer, "The Samaritans in Recent Research" (2015). J. Bourgel, *Journal of Biblical Literature* 135 (2016), pp. 505-523, propõe 112/111 e discute o motivo de Hircano.
4. *Antiguidades* 13.270-273.
5. *Antiguidades* 13.275-281; *Guerra* 1.64-66. A data sai da notícia de que Ptolomeu IX mandou tropas "contra a vontade da mãe, que pouco faltava para o expulsar do governo" (13.278); ela o expulsou em 107.
6. *Megillat Ta'anit*, 21 de Kislev. O comentário (*scholion*) liga a data a uma lenda do tempo de Alexandre e de Simão, o Justo; o Talmude conta a mesma lenda com outra data (b. *Yoma* 69a). A

ligação com Hircano é dos estudiosos, não do texto.

7. *Antiguidades* 13.257-258 e 15.254; Estrabão, *Geografia* 16.2.34; Ptolomeu, citado no léxico de Amônio (verbete 243). Sobre Maltace: *Guerra* 1.562 e *Antiguidades* 17.20; "samaritana" pode indicar só a origem na cidade de Samaria, e não a religião do Gerizim. O debate sobre os idumeus: A. Kasher, *Jews, Idumaeans, and Ancient Arabs* (Mohr Siebeck, 1988), contra I. Shatzman e outros; resumo em Y. Levin, *Religions* 11 (2020).

crer para compreender

FIM DA AMOSTRA · FASCÍCULO HAC-S02-008

Continue lendo como membro

Esta foi uma amostra de *O templo do outro monte*. O fascículo inteiro tem 62 páginas: o estudo completo, com as fontes, as gravuras e as perguntas para conversar em grupo.

Os membros do canal no nível **Estudo aprofundado** (R$ 11,99 por mês) recebem o fascículo de cada episódio, para ler e colecionar. A partir de R$ 3,99, os bastidores de cada episódio e o voto no próximo tema.

Seja membro do Crer Para Compreender